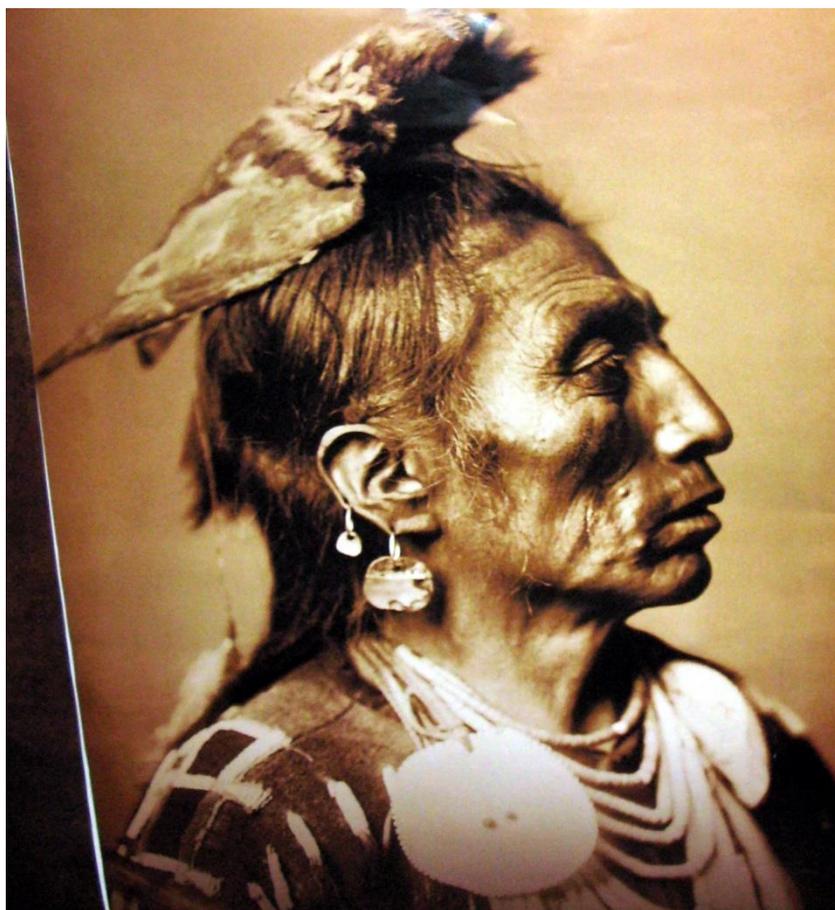


Tradições de Narração de Histórias de Nativos Americanos

Teacher Certifications

Tradução: Paulo Bocca Nunes



Para os nativos americanos, a narração de histórias passadas de geração em geração permaneceu sua principal forma de comunicação da sabedoria, mesmo depois que a palavra escrita se espalhou pelo mundo. As tradições de narração oral de nativos americanos permitiram que as tribos transmitissem seus entendimentos mitológicos, espirituais e históricos de si mesmos e dos mundos que habitavam para seus filhos e os filhos de seus filhos. Isso garantiu que os membros de cada nação indiana nunca esqueceriam suas raízes ou perderiam de vista conhecimentos importantes que lhes permitiriam continuar existindo em harmonia e cooperação com o mundo natural.

Texto original: Storytelling Traditions of Native Americans.

Autor: não identificado.

In.: Teacher Certifications.

Disponível em

<http://www.teachercertification.org/generalteaching/storytelling-traditions-of-native-americans.html>

Acesso em 28/05/2016

Tradução: Paulo Bocca Nunes

(escritor, contador de histórias, professor de Língua Portuguesa, Mestre em Letras Cultura e Regionalidade. Mais informações em www.pauloboccanunes.com).

OBSERVAÇÕES

1. O texto foi encontrado na internet e traduzido sem fins lucrativos.
2. O único objetivo de traduzir o texto é disponibilizá-lo em língua portuguesa e, dessa forma, compartilhar o conhecimento sobre o tema ou assunto para pessoas que tenham interesse.
3. Os Artigos Traduzidos não fazem parte de uma revista eletrônica, nem possui ISBN. Trata-se apenas de uma forma de identificar o seu objeto de texto.
4. A autoria do texto original, em inglês ou espanhol, será preservada bem como a identificação do site em que foi encontrado o texto.
5. Não nos responsabilizamos caso o artigo original ficar indisponível no endereço eletrônico que indicamos. Essa possibilidade pode ocorrer e isso foge da nossa competência.
6. Buscou-se fazer uma tradução a mais próxima possível do texto original, sem fazer adaptações.
7. Quando houver necessidade de esclarecimentos em alguma parte do texto, haverá anotações de rodapé com a observação (N.T.), creditada ao tradutor.
8. Solicita-se que, caso for usado este artigo para qualquer fim, sejam feitas as referências ao autor do texto original, o título original, bem como ao tradutor e o endereço eletrônico em que estará disponibilizado tanto o texto original quanto o texto traduzido.

ESCLARECIMENTO DE TRADUÇÃO

1. Optamos por traduzir a palavra "storytelling" para "contação de histórias" para sugerir a ideia de contar uma história usando palavras faladas de forma performática, ou em caso de contar através de linguagem de sinais ao vivo que por si só já é performática. Também pelo fato de nos referirmos a "contador(a) de histórias" (storyteller) como aquela pessoa que se dedica à "contação de histórias".
2. Em alguns textos, há expressões que traduzidas ficam: "narrativas orais", "narradores orais", "tradições orais" ou qualquer outra expressão que esteja relacionada a esse tema. A tradução será de acordo com o contexto.

Para tornar essas informações críticas memoráveis, os nativos americanos traduziram prescrições práticas, juntamente com ideias sutis e sofisticadas sobre o Grande Mistério da vida e da existência, em alegorias cheias de heróis e vilões, reviravoltas cômicas e encontros dramáticos e lições aprendidas da maneira mais difícil através do sofrimento e transcendência eventual.

As histórias dos nativos americanos sempre tiveram a intenção de explicar ou ensinar. Algumas das categorias em que eles podem se encaixar incluem:

1. Mitos da criação
2. Interações com professores espirituais
3. Lições aprendidas sobre vida e comportamento corretos
4. Contos mágicos de transformação cultural e / ou individual
5. Explicações para fenômenos naturais
6. Histórias instrucionais sobre a evolução das habilidades de sobrevivência, como caça, agricultura ou construção
7. Ensinos de sabedoria de mestres dos animais.

O papel crítico do xamã

O xamanismo ou viagens espirituais fora do corpo é um elemento da vida indígena e esse foi certamente o caso de muitos povos nativos americanos. Muitas vezes retratados simplesmente como curandeiros e curandeiros por aqueles com compreensão limitada das tradições nativas, os xamãs (ou seu equivalente norte-americano, já que o "xamanismo" tecnicamente se refere às práticas religiosas indígenas na Sibéria) eram na verdade profetas e professores mais do que qualquer outra coisa, encarregados de trazendo de volta a sabedoria além das fronteiras que separavam as dimensões. Os animais quase sempre aparecem com destaque nas narrativas dos nativos americanos - mas, em vez de existir apenas como criaturas que viviam no mundo ecológico cotidiano, os animais eram vistos como encarnações de arquétipos espirituais que existiam de forma concreta nos mundos inferiores explorados pelos xamãs viajantes. Os animais da sabedoria que viviam nessas regiões podiam conversar e pensar como seres humanos, e tinham muita sabedoria para compartilhar com o xamã que viajava para vê-los como um representante de seu povo. Como nem todo mundo podia ser um viajante espiritual, no entanto, a melhor maneira de transmitir essa sabedoria ao povo era na forma de história. Não é de surpreender que os animais que pudessem falar, raciocinar e operar tanto neste mundo quanto no próximo, de maneiras altamente intencionais e inteligentes, fossem os principais atores dessas histórias.

Os viajantes espirituais dos nativos americanos dependiam de drogas como cogumelos peiote ou alucinógenos, privação sensorial, batidas rítmicas, dança frenética ou jejum para alcançar estados alterados de consciência e, enquanto nesses estados, podiam experimentar visões do passado e do futuro. A maioria dos mitos de origem dos povos nativos pode ter tido sua gênese a partir dessas experiências transcendentais. Além disso, visões proféticas de eventos futuros significativos, onde são comuns nesses estados alterados e essas visões, poderiam galvanizar e inspirar outros índios.

Um exemplo famoso desse fenômeno foi a visão do céu iminente na terra que encantou o professor espiritual de Paiute Jack Wilson na década de 1880. As histórias de Jack Wilson sobre as próximas mudanças varreram as terras dos nativos americanos e uma série de cerimônias projetadas para trazer uma limpeza do mal do mundo logo se espalhou entre muitas nações indianas. Especialmente arrebatados por essas histórias e cerimônias foram os Sioux da região das Planícies, e a realização desses rituais rítmicos, que passaram a ser chamados de Dança Fantasma, criou medo e suspeita entre os brancos no oeste. O Exército dos EUA massacrou quase 300 Sioux, principalmente mulheres e crianças, em Wounded Knee, em Dakotas, em 1890, em um confronto alimentado por essa hostilidade à crescente mitologia da Dança Fantasma. Histórias apocalípticas e profecias em geral se tornaram mais comuns após o contato nativo com os europeus, à medida que a mitologia indiana evoluía para incluir ideias e imagens cristãs.

O que é importante perceber é que os povos indianos tinham um entendimento diferente das viagens dimensionais do que os antropólogos ocidentais e denominavam "especialistas indianos". Para os nativos americanos, dimensões alternativas em que os animais tinham qualidades humanas e os espíritos sábios dos ancestrais mortos residiam depois de deixar o reino terrestre eram lugares reais. De fato, eles eram mais reais que este mundo, que era apenas uma sombra desses reinos transcendentais - uma visão surpreendentemente semelhante à do fundador da filosofia ocidental, Platão. A abordagem científica ocidental, no entanto, era demitir os xamãs como vigaristas e ver a narrativa dos nativos americanos como sempre e apenas metafórica e alegórica.

Mas os povos nativos não reconheciam limites estritos entre o real e o alegórico. Para eles, o universo era um lugar complexo e misterioso e as histórias que contavam usavam o mundo espiritual como base e pano de fundo para colocar seus conhecimentos espirituais e metafísicos em uma forma mais personalizada e transmitida oralmente. Embora a Bíblia esteja cheia de histórias que possam ser examinadas e entendidas como literatura, também é considerada uma fonte de verdadeira e verdadeira sabedoria e conhecimento revelado pelos cristãos, assim como também para os nativos americanos e as dimensões xamânicas.

O trickster¹ como Transformador Cultural

O personagem mais popular e onipresente das histórias de nativos americanos era o malandro. O malandro era uma figura interdimensional, um animal com características humanas que confundiria os seres humanos com seu comportamento inteligente e incessantemente provocador. Os trapaceiros de fato faziam manobras, mas o faziam com um propósito. Sobrevivendo sozinho, o malandro quebrou categorias convencionais e violou restrições sociais com alegria. Mas, no final, este trabalho foi projetado para ajudar a criar uma ordem nova e melhor do caos causado pelo trapaceiro. Trapaceiros viviam nas fronteiras entre natureza e cultura, entre este mundo e o próximo e entre mudança e tradição. Como tal, eles detestavam categorias difíceis e pensamentos rígidos. A sociedade e a cultura precisavam aprender e evoluir para sobreviver, e os trapaceiros guiavam os seres humanos nesse processo doloroso, mostrando-lhes como eram tolos e orgulhosos quando tentavam se apegar às regras e estruturas obsoletas do passado. Os malandros podiam ser qualquer animal, mas o coioote era de longe o malandro mais comum nas histórias dos nativos americanos.

Ao violar as regras e perturbar a ordem antiga, os trapaceiros ajudaram os seres humanos a ver através de suas maneiras limitadas de pensar. Os nativos americanos precisavam usar sua imaginação e sua criatividade para sobreviver em um mundo onde as circunstâncias mudavam e as forças da natureza se tornavam repentinamente hostis, e o malandro ajudou a mostrar-lhes como ser adaptável e flexível em todas as situações.

Tradições de histórias nativas americanas, passado, presente e futuro

A narração de nativos americanos estava focada em ajudar as pessoas a entender seu lugar no mundo natural. Os contos dos nativos americanos eram e ainda são parte metafórica, parte real, parte espiritual, parte

¹ Na mitologia, no estudo do folclore e religião, um trickster é um deus, deusa, espírito, homem, mulher, ou animal antropomórfico que prega peças ou fora isso desobedece, ou burla, regras normais e normas de comportamento. Em muitas culturas, principalmente, de origem europeia, há a figura do malandro. No entanto, o trickster possui diferenças significantes entre esses malandros e os de tradições de povos indígenas.

A divindade trickster quebra as regras dos deuses ou da natureza, às vezes de forma mal-intencionada (por exemplo, Loki). Porém, de um modo geral ou até de forma involuntária, suas ações tem efeitos positivos.

O trickster pode ser astuto ou tolo, ou ambos. Frequentemente são engraçados e cômicos, mesmo quando considerados sagrados. Um exemplo é o Heyoka sagrado, uma espécie de palhaço sagrado na cultura do povo Lakota das Grandes Planícies da América do Norte, cujo papel e lançar truques e jogos e, por isso, aumenta a consciência e atua como um equilibrador.

Na cultura, Prometeu roubou o fogo dos deuses e entregou ao homem, dando origem à civilização. No entanto, não é um herói trickster ou trapaceiro típico. No entanto, em muitas das mitologias dos povos nativos norte-americanos, o coioote (Sudoeste dos Estados Unidos) ou o corvo (litoral noroeste do pacífico, Columbia Britânica, Alasca e extremo oriente russo) roubaram o fogo dos deuses (estrelas, lua, e/ou sol) e são mais considerados mais "malandros" (tricksters) do que heroicos. Prometeu era um Titã, enquanto o Coioote e Corvo são geralmente vistos como palhaços e brincalhões. (N.T.)

mitológica, parte instrucional e parte transformacional. Acima de tudo, porém, eles foram divertidos e memoráveis para o público que os ouviu. Isso garantiu que essas histórias seriam lembradas e transmitidas às gerações vindouras, que precisavam entender quem eram, de onde vieram e por que o mundo é como é, para sobreviver e prosperar nos tempos difíceis que estão – e ainda estão sempre à frente.